

# INFLUÊNCIA DA FASE ETÁRIA NO USO DO LÉXICO EM POMERANO

## INFLUENCE OF AGE ON THE USE OF THE LEXICON IN POMERANIAN

Daiane Mackedanz (UFRGS)

[daiane.mack@gmail.com](mailto:daiane.mack@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-0584-2015>

Karen Pupp Spinassé (UFRGS)

[spinasse@ufrgs.br](mailto:spinasse@ufrgs.br)

<https://orcid.org/0000-0002-1379-8387>

**RESUMO:** *O presente artigo situa-se na área da Sociolinguística Variacionista e aborda a variação linguística quanto aos nomes (nível lexical) em pomerano, uma língua de imigração germânica falada nos estados do RS, ES, MG, SC e RO. O foco desta análise recai sobre a relação do uso dos nomes em pomerano com o contato com a língua portuguesa e com o fator extralinguístico fase etária na fala de moradores do município interiorano de Arroio do Padre (RS). Trata-se de um recorte da tese de doutorado em andamento, a qual se caracteriza como estudo qualitativo de base quantitativa em tempo aparente. Como desenho metodológico, o trabalho articula concepções advindas da Sociolinguística Variacionista e da análise de Redes Sociais. Os primeiros resultados apontam maior percentual de itens lexicais semelhantes fonologicamente ao alemão standard entre a fase etária mais velha, ao passo que a fala dos mais jovens apresenta maior número de eventos com code-switching.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *pomerano; léxico; variação linguística.*

**ABSTRACT:** *The present article is situated in the area of Variationist Sociolinguistics and addresses linguistic variation regarding names (lexical level) in Pomeranian, a language of Germanic immigration spoken in the states of RS, ES, MG, SC and RO. The focus of this analysis is on the relationship of the use of Pomeranian names with contact with the Portuguese language and with the extralinguistic factor age phase in the speech of residents of the inland municipality of Arroio do Padre, RS. This is a section of the doctoral thesis in progress, which is characterized as a qualitative study with a quantitative basis in apparent time. As a methodological design, the study articulates concepts derived from Variationist Sociolinguistics and Social Network analysis. The first results indicate a higher percentage of*

*lexical items phonologically similar to standard German among the older age group, while the speech of the younger age group presents a higher number of events with code-switching.*

**KEYWORDS:** *pomeranian; lexicon; linguistic variation.*

## **1 Introdução**

O estudo da língua de imigração pomerano a partir da perspectiva variacionista envolve resgatar a seguinte premissa de Camacho (2013) acerca do objeto de estudo sociolinguístico: se as línguas naturais humanas se constituem como sistemas organizados de forma e conteúdo, a diversidade/variação é propriedade funcional e inerente aos sistemas linguísticos. Cabe à Sociolinguística focar a variação, levando em consideração seus determinantes linguísticos e não linguísticos. A língua é representativa das inter-relações sociais e, ao mesmo tempo, intrínseca ao sujeito, na medida em que exerce função determinante no processo de integração social. Língua é aqui entendida como a forma mais característica de comportamento social (CAMACHO, 2013), isto é, ela é uma prática social.

Nesse sentido, o presente artigo discute os primeiros resultados da análise da variação lexical quanto aos nomes em pomerano em uma situação de contato com o PB (português brasileiro) em Arroio do Padre (RS). Como fatores linguístico e extralinguístico, adotamos respectivamente para este recorte o *code-switching* e a fase etária. No Brasil, estima-se que 400 mil pessoas<sup>1</sup> falem atualmente o pomerano nos estados de RS, ES, MG, SC e RO.<sup>2</sup> Segundo dados do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), o pomerano é língua cooficial em oito municípios brasileiros.<sup>3</sup> Hackenhaar (2018) explica que em torno de 10% (26.000) dos imigrantes da Pomerânia<sup>4</sup> vieram para o Brasil no século XIX. A maioria emigrou para a América do Norte (EUA e Canadá).

---

<sup>1</sup> Em Jacob (2022), não encontramos menção à fonte original dos dados.

<sup>2</sup> Segundo o informativo online *VilaNotícias.com*, até o momento, os pomeranos não estão inclusos nas pesquisas do IBGE, Censo 2022. Vide referências (PESQUISADOR..., 2022).

<sup>3</sup> Para lista completa de línguas cooficiais em municípios brasileiros, vide referências (LISTA..., 2021).

<sup>4</sup> A Pomerânia se situava nas costas do mar Báltico, entre os atuais países da Alemanha e Polônia. Sua história é caracterizada por inúmeros conflitos e permaneceu ao longo dos séculos sob o domínio de diferentes potências (MALTZAHN, P. C., 2011). Após a Segunda Guerra Mundial, com a redistribuição territorial durante a Conferência de Potsdam, a Pomerânia deixa de existir enquanto Estado. As regiões ao leste do rio Oder passaram a pertencer à administração polonesa. E, em 1945, o estado federativo alemão de *Mecklenburg-Vorpommern* foi formado a partir do Estado Livre de *Mecklenburg* e da parte ocidental da Pomerânia a oeste do rio Oder (RÖLKE, 1996).

A seguir, apresentamos uma contextualização histórica da imigração para a Serra dos Tapes (RS), onde o município de Arroio do Padre está situado, e discorremos sobre estudos realizados na região e que influenciaram a delimitação do tema desta pesquisa. Também traçamos breve panorama socioeconômico da localidade onde residem os informantes. Como pressupostos teóricos e metodológicos, temos a Psicologia Social (DECHAMPS; MOLINER, 2014) e a análise de Redes Sociais (MILROY; GORDON, 2003), bem como nos debruçamos sobre empréstimos lexicais (PUPP SPINASSÉ, 2016, 2017) e o fenômeno de *code-switching* (GROSJEAN, 1982). Além disso, caracterizamos a língua de imigração estudada, o pomerano, quanto ao léxico segundo Postma (2019). Antes dos resultados, apresentamos as hipóteses de análise e caracterizamos os informantes. A discussão dos dados se dá a partir da perspectiva sincrônica e se propõe a analisar de modo embrionário a relação entre a variação lexical em pomerano e a fase etária.

## ***2 O Pomerano na Serra dos Tapes (RS)***

A partir de 1858, a Serra dos Tapes, localizada ao sul do Rio Grande do Sul – e que compreende os municípios de São Lourenço do Sul, Turuçu, Pelotas, Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão e Morro Redondo –, foi um dos cenários do processo de colonização de língua alemã no Brasil, através da criação de colônias imigratórias (ROCHE, 1969). Por se desenvolver a partir de uma colonização de iniciativa privada, a então chamada Colônia *Rheingantz* recebia menos assistência do governo. Seus núcleos eram mais isolados e os imigrantes tinham, em geral, a mesma origem étnica e a mesma confissão religiosa.<sup>5</sup>

Os primeiros 88 imigrantes eram, em sua maioria, pomeranos, de confissão luterana, advindos da hoje extinta<sup>6</sup> Pomerânia (SALAMONI; ACEVEDO; ESTRELA, 1995). Ao chegarem ao Brasil, eles perceberam a necessidade de abrir picadas em matas fechadas, bem como de construir moradias e estradas. Por esse motivo, eles permaneceram em suas porções de terra, trabalhando na agricultura para o próprio consumo e se comunicando por meio da língua por eles trazida.

---

<sup>5</sup> Este parágrafo se baseia em Salamoni, Acevedo e Estrela (1995), Cerqueira (2010) e Wille (2011).

<sup>6</sup> Consideramos a Pomerânia como extinta, pois ela não se constitui mais como unidade política (RÖLKE, 1996; MALTZAHN, P. C., 2011; HACKENHAAR, 2018). O que temos atualmente é uma Unidade Federativa chamada *Meklenburg Vorpommern*, pertencente ao território alemão e constituída pela antiga parte ocidental da Pomerânia, a oeste do rio Oder.

Estudos na Serra dos Tapes apontaram a família como elemento relevante para a manutenção do pomerano atual. G. M. Maltzahn (2010) explica que a realidade com a qual os imigrantes pomeranos se depararam fez com que eles constituíssem famílias numerosas, com cerca de 10 a 12 filhos por casal, no intuito de obterem maior mão de obra para o trabalho na lavoura. Uma família numerosa se tornou símbolo de prosperidade, uma vez que, em famílias cuja subsistência advém da agricultura, os jovens aprendem desde cedo a lida na lavoura, para que possam auxiliar e perpetuar o trabalho na propriedade.

A maneira como o trabalho familiar agrícola foi e ainda é desenvolvido entre os pomeranos na Serra dos Tapes pode ser compreendida, por um lado, como resultado da necessidade de adaptação nas novas terras. Por outro lado, ao longo da expansão da agricultura familiar, aspectos entendidos como históricos podem ter se tornado características socioculturais que influenciam os usos linguísticos. Mackedanz (2016) e Vahl (2017) desenvolveram estudos sobre o contato linguístico entre o pomerano e o português brasileiro em Santa Augusta, interior de São Lourenço do Sul, e em Arroio do Padre, respectivamente. Em ambos os trabalhos o pomerano apareceu como a língua mais utilizada no lar (em família) e no trabalho familiar na lavoura (100% dos informantes).

Em seu estudo biográfico-linguístico com quatro famílias pomeranas, duas residentes na zona rural e duas na zona urbana de Pelotas (RS), Borges (2004) apontou que o fenômeno do bilinguismo parece estar estritamente ligado ao contexto sócio-histórico-cultural. A condição de bilíngue, no caso das quatro famílias, pode estar relacionada diretamente à geração. No estudo, observou-se que o bilinguismo em português e em pomerano vem enfraquecendo a partir da geração IV (casal núcleo da família), ao ponto de seus filhos, geração V, não falarem o pomerano. Tal resultado se opõe ao fato de que a geração III (pais do casal núcleo) apontou, durante a entrevista, ter o pomerano como língua materna, assim como as gerações II e I (avós e bisavós do casal núcleo). Segundo Borges (2004), parece haver um processo de “abandono”, uma vez que membros da geração IV afirmaram usar cada vez menos a língua de imigração, especialmente com as gerações mais velhas. E a geração V, mais jovem, demonstra desinteresse pelo patrimônio étnico-linguístico.

Mujica (2013) analisou a atitude, orientação e identidade linguística de pomeranos<sup>7</sup> residentes na comunidade rural Santa Augusta, São Lourenço do Sul. Diferentemente de Borges (2004), o estudo em Santa Augusta aponta que a geração de 40 anos é de bilíngues

---

<sup>7</sup> O *corpus* da pesquisa de Mujica (2013) foi composto a partir de entrevistas sociolinguísticas com duas famílias (somando 11 informantes) e análise de questionários preenchidos por 35 famílias.

balanceados e que as crianças são bilíngues simultâneas, pois estão expostas simultaneamente ao português e ao pomerano.

O panorama empírico acima gerou o questionamento norteador do estudo sociolinguístico variacionista de Doutorado que constitui a base deste artigo: como e em que medida o léxico em pomerano se relaciona a valores socioculturais e aspectos linguísticos no município de Arroio do Padre? Como recorte, enfoca-se aqui a possível relação entre o uso dos nomes em pomerano (nível lexical) e o fator extralinguístico fase etária. O *corpus* aqui analisado é composto por três entrevistas sociolinguísticas semiestruturadas, realizadas em pomerano com três moradores de Arroio do Padre, e na respectiva quantificação e análise dos itens e grupos lexicais.

### ***3 Panorama socioeconômico de Arroio do Padre (RS)***

O jovem município situa-se cerca 230 km ao sul da capital Porto Alegre e 50 km da cidade de Pelotas. Segundo dados do IBGE, a população atual é estimada em 2.900 habitantes<sup>8</sup>. Inicialmente, Arroio do Padre pertencia ao município de São Lourenço do Sul; em 1890, foi incorporado a Pelotas. Em 1996, através de um plebiscito, Arroio do Padre emancipou-se politicamente e em outubro de 2000 os arroio-padrenses foram às urnas eleger seus primeiros representantes políticos (COARACY, 1957; SALAMONI; ACEVEDO; ESTRELA, 1995).

A economia de Arroio do Padre baseia-se na produção agrícola familiar, e nas propriedades são cultivados hortifrutigranjeiros para subsistência, com ênfase no caqui e na maçã, sendo os dois últimos comercializados na região. Destacam-se também as plantações de tabaco e soja, vendidos a empresas do ramo (WILLE, 2011). Desde a emancipação política, foram estabelecidos alguns núcleos urbanos, com trechos pavimentados, iluminação pública e distribuição de água encanada, porém, em seu entorno, predominam as propriedades rurais. Em 2007, foi inaugurada a única escola de ensino médio da localidade. Além disso, em 2016, foi concluída a pavimentação asfáltica de 25 km da ERS 737, que liga Arroio do Padre à zona urbana de Pelotas.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Para mais informações acerca do município de Arroio do Padre, vide referências (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, [2022]).

<sup>9</sup> Para breves reportagens com mais detalhes, vide referências (YEDA..., 2007; PAVIMENTAÇÃO..., 2016).

Arroio do Padre constitui-se através de um contraste, uma vez que há áreas mais urbanizadas e outras com características essencialmente rurais. É o caso das áreas aqui denominadas 1 e 2, os dois pontos de coleta de dados. A Área 1 (A1), chamada Arroio do Padre II, localiza-se na parte central. Nela situam-se a única agência bancária, a prefeitura, a única escola de ensino médio, a maior escola municipal de ensino fundamental completo, o posto de saúde, o centro de eventos municipal, o correio, a farmácia e alguns pequenos estabelecimentos comerciais. Também circulam linhas de ônibus para Pelotas com maior disponibilidade de horários. Nessa área também está localizada a rádio comunitária, a igreja sede da paróquia evangélica e a casa pastoral. A A1 constitui-se como um pequeno núcleo urbano, pois possui uma rua principal pavimentada, iluminação pública e distribuição encanada de água, enquanto, em seu entorno, as famílias cultivam a terra para o próprio consumo e/ou trabalham nos estabelecimentos e instituições ali existentes.

A Área 2 (A2), denominada Cerrito, localiza-se a cerca de seis quilômetros da A1, e o acesso a ela se dá por meio de estrada de chão. Configura-se como um núcleo basicamente rural com um conjunto de propriedades agrícolas. Além disso, na A2 há uma pequena escola que atende alunos até o quinto ano do Ensino Fundamental e uma igreja evangélica, sede da comunidade religiosa ali presente.

#### ***4 Pressupostos teóricos***

Ao nos debruçarmos sobre o estudo sociolinguístico de uma língua de imigração – neste caso, o pomerano –, tomamos como ponto de partida o local<sup>10</sup> onde ela é falada. Na seção anterior, a contextualização ocorreu, em um primeiro momento, a partir da noção de lugar em seu sentido objetivo e físico. O termo língua de imigração, como o próprio nome sugere, refere-se a algo que acompanha os indivíduos que emigraram, isto é, acompanha-os de um lugar a outro. Segundo Pupp Spinassé e Savedra (2021), as línguas de imigração se desenvolveram distantes de suas matrizes e de modo independente no país anfitrião. Elas passaram a vivenciar situações de contato, variação e mudança. Por se tornarem línguas relativamente autônomas, ganharam no Brasil o *status* de língua local, bem como de língua brasileira. Nesse sentido, em consonância com Johnstone (2004), não apenas os sujeitos

---

<sup>10</sup> À discussão acerca da noção de lugar perpassa também o conceito de *espacialidade*, o qual desempenha importante papel na Dialetoologia Pluridimensional e Relacional. Bern (2010) estabelece diferenças entre *espaço* e *espacialidade*. No entanto, optamos neste trabalho por não realizar tal diferenciação, ainda que pertinente, uma vez que nosso desenho metodológico está calcado na Sociolinguística Variacionista e análise de Redes Sociais.

constroem a noção de lugar à medida que experimentam e experienciam o espaço físico e local, mas também diferentes falantes podem se alinhar/se orientar linguisticamente ao local de diferentes formas, com objetivos distintos, ressignificando as dimensões socioculturais de lugar e influenciando o uso da língua.

O espaço físico e suas características (climáticas e geográficas) podem influenciar o comportamento humano e os usos linguísticos necessários para dar conta da realidade à qual o falante pertence ou passa a viver, porém, eles não são fatores determinantes. Além da região de origem ou habitação do falante, fatores culturais e psicológicos também afetam o padrão de uso da língua. Johnstone (2004) explica que diferentes indivíduos constroem diferentes lugares e se relacionam com eles de modos distintos. Dessa forma, *lugar*, *região* e *local* são aqui entendidos não somente a partir de seu aspecto físico, mas também como constructo sociocultural, definidor e definido por fenômenos linguísticos e processos de mudança linguística.

O estudo da língua, além de examinar a estrutura e seu funcionamento formal/inerente, também permite desvelar cada vez mais o fato de que a linguagem configura um modo fundamental de constituir a própria sociedade. Em consonância com Camacho (2013), a língua é a forma mais característica de comportamento social. Representações intergrupos são partilhadas junto a conhecimentos e crenças relativos ao posicionamento social dos diferentes grupos face a face (DECHAMPS; MOLINER, 2014). Dessa forma, a representação que os agentes fazem de sua própria posição e da posição dos outros no espaço social é resultado de esquemas de percepção e de apreciação. E a socialização constitui-se como o conjunto de mecanismos de aprendizagem pelos quais os indivíduos tornam-se agentes sociais, isto é, aprendem as relações sociais humanas e assimilam normas, valores e crenças de uma coletividade.

Em contextos bilíngues, as relações sociais na comunidade<sup>11</sup> em que o indivíduo vive influenciam seu comportamento de fala. Porém, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a extensão, a direção e a natureza da interferência de uma língua sobre a outra também podem ser explicadas em termos de comportamento individual de fala dos sujeitos. Gumperz e Blom (2013[1972]) esclarecem, nesse sentido, que os usos linguísticos não se

---

<sup>11</sup> Segundo a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (UNESCO; PEN, 1996, n. p.), “comunidade linguística é toda a sociedade humana que, radicada historicamente num determinado espaço territorial, reconhecido ou não, se identifica como povo e desenvolveu uma língua comum como meio de comunicação natural e de coesão cultural entre os seus membros. A denominação língua própria de um território refere-se ao idioma da comunidade historicamente estabelecida neste espaço”.

constituem somente como reflexos de normas sociais capazes de serem medidas independentemente das outras. Paralelamente, regularidades de comportamento também podem ser interpretadas como oriundas de uma série de escolhas individuais.

Milroy e Gordon (2003) explicam que categorias como gênero, etnia e classe constituem construtos de análise em um nível macro e que, para se compreender a relação entre língua e essas categorias sociais globais, são necessários procedimentos que permitam examinar as especificidades da prática e das condições locais, entre elas as escolhas individuais. Tais procedimentos também precisam ser condizentes com as categorias sociais locais e com os laços localmente construídos na vida cotidiana dos indivíduos. A análise de Redes Sociais constitui-se, nesse sentido, como um instrumento dentro da Sociolinguística que permite analisar como as práticas em determinada(o) cidade/comunidade/grupo social e/ou econômico dão origem a padrões sociolinguísticos globais.

Bortoni-Ricardo (2011) esclarece que rede social diz respeito ao conjunto de vínculos reais de todos os tipos no interior de um grupo de pessoas. Milroy e Gordon (2003) diferenciam dois tipos de redes: aquelas que conectam amigos ou parentes (*first-order network ties*) em oposição àquelas que conectam conhecidos (*second-order ties*). Segundo os mesmos autores, indivíduos com redes fechadas, isto é, com um número relativamente grande de contatos sociais locais, usam os recursos de variabilidade linguística disponíveis para a comunidade de forma diferente daqueles cuja orientação social é menos local.

Bott (1976), ao analisar diferenças de grau de segregação dos papéis conjugais entre homem e mulher em famílias urbanas, aponta que os relacionamentos sociais externos das famílias podem assumir a forma de uma rede muito mais do que a de um grupo organizado. Isso significa que, na formação da rede, somente alguns e não todos os indivíduos componentes têm relações sociais uns com os outros. Uma família, por exemplo, pode manter relações com amigos, parentes e vizinhos. Porém, pode ser que nem todos conheçam uns aos outros.

Bott (1976) também explica o fato de que, em uma rede, os seus integrantes não estão cercados por uma fronteira comum. O fator que permite a constituição de uma rede foi denominado pela autora de *conexidade* e traduzido por Bortoni-Ricardo (2011) como *conectividade*: “a extensão em que as pessoas conhecidas por uma família se conhecem e se encontram umas com as outras, independentemente da família” (BOTT, 1976, p. 76). Nessa perspectiva, certos tipos de rede têm de funcionar como um mecanismo de reforço normativo.

Quando muitas das pessoas que alguém conhece interagem entre si, ou seja, quando a rede desta pessoa é de tessitura miúda, os membros desta rede tendem a alcançar um consenso sobre normas e exercem uma pressão informal consistente uns sobre os outros para que se conformem às normas [...]. Quando a maioria das pessoas que alguém conhece não interage umas com as outras, quer dizer, quando sua rede é de tessitura larga, maior variação de normas possivelmente ocorrerá na rede (BOTT, 1976, p. 77).

Milroy e Gordon (2003) também explicam que comunidades pessoais, não necessariamente familiares, são criadas pelos indivíduos com o objetivo de fornecer uma estrutura significativa para resolver os problemas da vida diária. Os laços interpessoais podem ser de diferentes tipos e forças, assim como as relações estruturais entre os elos podem também variar. Segundo Milroy e Gordon (2003), redes formadas por laços fortes, isto é, densos e múltiplos (rede de tessitura miúda) parecem apoiar normas linguísticas locais, ao mesmo tempo em que há resistência a pressões advindas de normas externas.

Cabe aqui resgatar que quase não havia população luso-brasileira nas zonas de colonização germânica e, por isso, “a maioria das zonas de colonização estrangeira permanecia, por longas décadas, voltada sobre si” (WILLEMS, 1980, p. 105). Tal fato pode ser entendido como possível indício de que redes pessoais de tessitura miúda constituíam-se desde a formação das colônias. Tal característica pode ser observada atualmente em certa medida, uma vez que a língua de imigração é transmitida dentro da família e mantida na comunidade, conforme apontam estudos de Mujica (2013), Mackedanz (2016) e Vahl (2017).

As línguas de imigração no Brasil desenvolveram-se de modo independente em relação ao contexto germânico originário. Pupp Spinassé (2016, 2017) explica que isso ocorreu de forma paralela ao contato com o português, o qual teve grande influência sobre a forma como a língua de imigração foi sendo usada ao longo dos anos, desde a chegada dos imigrantes. No caso do *Hunsrückisch*, estudado por Pupp Spinassé (2016, 2017), o processo pode ser facilmente percebido por meio de empréstimos lexicais do português e da formação híbrida de palavras compostas, bem como através da ocorrência de *code-switching*. Porém, o processo de desenvolvimento do *Hunsrückisch* foi reduzido a um “alemão errado”, uma vez que a língua local é constantemente comparada com a língua alemã falada na Alemanha – *Standarddeutsch*. Dessa comparação, surgiu o consenso de que os empréstimos do português são interferências, o que não evidencia o complexo processo de desenvolvimento pelo qual uma língua de imigração passa.

De acordo com Postma (2019), o pomerano compartilha com o superstrato alemão aspectos culturais, refletidos no léxico da língua de imigração, e gramaticais. Com relação aos

nomes em pomerano, Tressmann (2015) explica que existe variação de gênero, podendo este ser feminino, masculino ou neutro – característica também observada na língua alemã falada na Alemanha. Segundo Postma (2019), a (antiga) Pomerânia está enraizada no universo cultural e linguístico alemão. A base lexical pomerana situa-se em relação ao léxico continental germânico, como se observa, por exemplo, no item em pomerano *sunâwend* (sábado), em alemão *Sonnabend*. Por outro lado, a fonologia e a morfossintaxe estão mais orientadas para o holandês, o frísio e o inglês, como no caso do vocábulo em pomerano *boowa* (*sobre*), em holandês *boven* e em alemão *über*.

No Brasil, segundo Postma (2019), o pomerano possui empréstimos advindos do superstrato alemão e do português. Em muitos casos, a palavra consiste em simples cópia, a qual mantém a fonologia alemã ou portuguesa, o que é considerado *code-switching* por Postma (2019). Outros empréstimos passaram ou ainda passam por acomodação, a qual se dá através de um processo lexical de subtração, como em *orkíjd*, cujo termo correspondente em português é *orquídea*.

Tanto Pupp Spinassé (2016, 2017) quanto Postma (2019) discutem acerca do fenômeno linguístico *code-switching* como característico de interações diárias com outras pessoas, uma vez que estamos constantemente alternando a variedade linguística e/ou a língua que usamos. Em consonância com Grosjean (1982), o indivíduo bilíngue pode modificar variedades em uma língua, alternar os idiomas ou ambas as ações, a depender do contexto (quando e onde), da situação, dos participantes da interação, do tópico discursivo (trabalho, esporte etc.) e da função da interação. E, por esses motivos, *code-switching* não é um evento linguístico aleatório, uma vez que “o bilíngue pode pegar emprestado palavras de outro idioma e integrá-las fonológica e morfologicamente ao idioma de base”<sup>12</sup> (GROSJEAN, 1982, p. 129, tradução nossa).

Mozzillo (2001) define *code-switching* como um fenômeno natural da conversação bilíngue e, ao mesmo tempo, como uma estratégia de adaptação comunicativa, bem como um comportamento de ativação-desativação de uma ou de outra língua de acordo com as situações interativas. Segundo Grosjean (1982, p. 145, grifo nosso, tradução nossa), há um processo de tomada de decisão em dois estágios subjacente à escolha do idioma:

---

<sup>12</sup> No original: “The bilingual may also borrow words from the other language and integrate them phonologically and morphologically into the base language.”

No primeiro estágio, o bilíngue decide qual idioma de base usar, e no segundo estágio ele determina se deve ou não trocar de código. Esta segunda etapa ocorre somente quando o bilíngue está se dirigindo a outro bilíngue. [...] Vou definir *code-switching* como o uso alternado de dois ou mais idiomas na mesma fala ou conversa.<sup>13</sup>

A definição acima evidencia que se trata de uma estratégia comunicativa, a qual, em consonância com Mozzillo (2001), é sinal da habilidade linguística utilizada pelos bilíngues com o intuito de transmitir informação linguística e social. Os indivíduos detêm uma habilidade para negociar mudanças com relação a distanciamentos e aproximações sociais entre locutor e interlocutor bilíngues. Mozzillo (2001) também esclarece que cada bilíngue atribui funções a cada código e pratica com seu parceiro contínua negociação, com o objetivo de suprir a necessidade de frequente acomodação ao encontro intercultural.

Os eventos de fala com *code-switching* resultantes dessa tomada de decisão podem envolver uma palavra, uma frase, uma sentença ou, até mesmo, várias sentenças (GROSJEAN, 1982). Nesse momento, segundo Ziegler (1996), é importante diferenciar troca (*switching*) de empréstimo (*borrowing*) linguístico; o primeiro pressupõe que o elemento empregado de outra língua não está fonológica e morfologicamente integrado na língua base, ao passo que o segundo, sim. Isso ocorre porque, em comunidades bilíngues e multilíngues, a troca linguística é a norma, e não exceção.

Em seu estudo com adolescentes bilíngues pomerano-português na comunidade de Arroio do Padre, Vahl (2017) analisou as motivações dos alunos para realização de *code-switching* em ambiente escolar – no caso, em uma escola de ensino médio, durante aulas de diferentes disciplinas. O uso do *code-switching* na fala em pomerano dos adolescentes apresenta as seguintes motivações: desejo de falar sobre o interlocutor, suprimir uma mensagem, marcar a identidade do grupo, dar efeito cômico, manter uma informação em sigilo e preencher um item lexical o qual relacionava-se ao conteúdo da aula (ministrada em português).

Pupp Spinassé (2016, 2017) salienta que o contato linguístico com o português exerce grande influência sobre a língua alóctone, porém não é o único fator. A língua local dispõe de regras internas e características específicas, as quais a conduziram ao seu atual estágio. Ao analisar o vocabulário em *Hunsrückisch*, Pupp Spinassé (2016, 2017) pôde identificar sete

---

<sup>13</sup> No original: “In the first stage the bilingual decides which base language to use, and in the second stage he or she determines whether to code-switch. This second stage occurs only when the bilingual is addressing another bilingual. [...] I will define code-switching as the alternate use of two or more languages in the same utterance or conversation.”

grupos lexicais, os quais foram categorizados a partir de sua relação com o alemão *standard*, com a língua portuguesa, bem como levando em conta motivações fonológicas, morfológicas, sintáticas ou semânticas para a formação de palavras.<sup>14</sup> Os sete grupos são:

- Grupo 1: palavras que se originaram diretamente do alemão *standard* e cujo significado também corresponde a ele.
- Grupo 2: palavras que se originaram diretamente da variedade alemã, mas cujo significado se distanciou da forma correspondente em alemão *standard*.
- Grupo 3: novos itens lexicais criados pelos falantes por meio de analogia, mas cuja forma não corresponde à variedade alemã originária.
- Grupo 4: palavras diretamente originárias da variedade alemã, porém seu gênero (*der, die, das*) não corresponde ao alemão *standard*.
- Grupo 5: empréstimos lexicais que surgiram do contato linguístico com o português e que foneticamente foram adaptados ao léxico da língua de imigração.
- Grupo 6: estrangeirismos<sup>15</sup> do tipo 1. Palavras também advindas do contato linguístico com o português e que possuem pronúncia e/ou forma igual ao português brasileiro (PB), apesar de existir vocábulo na língua de imigração que designa o mesmo objeto.
- Grupo 7: estrangeirismos do tipo 2. Palavras originárias do contato linguístico com o português e que possuem pronúncia ou forma tal qual o PB. Porém, elas não apresentam vocábulo correspondente na língua de imigração, mesmo já na época da chegada dos imigrantes.

Em pomerano, Postma (2019) apresenta uma lista com empréstimos do português, os quais, segundo o autor, representam o processo lexical de subtração, como em *prijm* (prima); *fum* (fumo/tabaco); *vend* (venda/mercado) e *ranj* (laranja). Esses exemplos sinalizam a possibilidade de analisar o léxico pomerano a partir das motivações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas subjacentes à formação de palavras e composição do léxico. Dessa forma, então, com base em Pupp Spinassé (2016, 2017), considera-se que o processo de desenvolvimento da língua local quanto ao léxico obedece a determinadas regras e princípios, havendo razões para o empréstimo de uma palavra. Trata-se de um processo de mudança lógico e natural, como em todas as línguas.

---

<sup>14</sup> A taxonomia que sustenta os resultados de Pupp Spinassé (2016, 2017) baseia-se em seu próprio trabalho de pesquisa, comparação e análise do alemão *standard*, da língua local e do português brasileiro.

<sup>15</sup> Optamos pelo termo “estrangeirismos”, pois partimos da perspectiva da língua local. Esses vocábulos foram emprestados de uma língua diferente, “estranha” (“estranho” aqui deriva do alemão *fremd*). Empregamos “estrangeirismos” para justamente diferenciar dos empréstimos que foram adaptados.

## 5 Coleta de dados

A análise a seguir explora de forma incipiente a relação entre variação linguística no nível lexical em pomerano em três fases etárias (F1, F2, F3). Cada informante representa uma fase etária: F1, entre 15 e 25 anos; F2, 26 a 49 anos; e F3, entre 50 e 70 anos. Trata-se de um recorte da tese de Doutorado, cujos dados foram coletados entre janeiro e fevereiro de 2020. Duas hipóteses orientaram a análise dos dados. Ambas são complementares, uma vez que a primeira está voltada para o aspecto linguístico e a segunda, para o aspecto extralinguístico:

- Hipótese 1: os itens lexicais em pomerano terão semelhanças fonológicas com o alemão *standard* falado atualmente na Alemanha. Segundo Postma (2019), a base lexical do pomerano possui superstrato alemão, uma vez que a língua de imigração compartilha com o alemão *standard* características no que diz respeito ao aspecto cultural (refletido no léxico) e aos aspectos gramaticais;
- Hipótese 2: a fase etária mais jovem tenderia a apresentar mais empréstimos lexicais e estrangeirismos resultantes do contato linguístico com o português. Ao analisar a variação lexical da língua de imigração germânica *Hunsrückisch* em contato com o português e o espanhol, centrando-se na macro-análise pluridimensional da variável <Fósforo/*Streichholz*>, Radünz (2016) aponta que as variantes de base alemã são empregadas especialmente pela geração mais velha, enquanto os mais jovens tendem a priorizar o uso de variantes resultantes de processo de ampliação lexical (hibridismos e empréstimos).

Os informantes Bárbara (F1), Andréia (F2) e Antônio (F3)<sup>16</sup> nasceram em Arroio do Padre, onde também moram atualmente. Bárbara cursou até o ensino médio regular no próprio município e atua como agricultora junto de seu marido na propriedade da família. Andréia concluiu seu ensino fundamental e médio por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Durante a maior parte de sua vida, trabalhou na agricultura e, ao mesmo tempo, como cabeleireira da vizinhança. Atualmente, ela é regente do coral da comunidade religiosa à qual pertence, coordena o grupo de jovens da igreja e auxilia seu marido com o trabalho agrícola. Além disso, Andréia possui desde 2019 uma pequena loja de aviamentos e artesanato em Pelotas.

---

<sup>16</sup> Todos os informantes são aqui referenciados com pseudônimos.

Antônio também concluiu o ensino fundamental e médio por meio da EJA e foi agricultor em grande parte de sua vida. Paralelamente, foi subprefeito de Arroio do Padre, quando este ainda era distrito de Pelotas. Hoje, o entrevistado continua atuando na política, como subprefeito em Santa Silvana, 6º distrito de Pelotas. Concomitantemente, Antônio é aposentado, mas mantém pequena criação de terneiros e cabras para comércio informal dentre os agricultores da região e toca um instrumento de sopro na banda da comunidade.

## **6 Análise dos dados: primeiras impressões**

Um dos autores deste artigo viveu em Arroio do Padre até os 21 anos de idade. Lá ele cursou o ensino fundamental e médio, bem como participou de eventos típicos da comunidade, como festas religiosas, bailes, reuniões do grupo de jovens, entre outros. Tal *background* auxiliou durante o contato com os informantes, os quais conheciam o autor (a maioria desde sua infância). Logo, eles se sentiram à vontade para realizar uma entrevista gravada por voz e foram bem solícitos durante toda a conversa. Além disso, o fato de o pesquisador ter passado boa parte de sua vida na comunidade permitiu realizar intersecções entre suas vivências, os dados analisados e o aporte teórico.

O município de Arroio do Padre é composto por um conjunto de pequenas comunidades religiosas majoritariamente evangélicas, entendidas pelos seus membros como pontos de referência e de encontro. Em cada uma delas, há uma igreja, bem como um salão de festas comunitário e uma escola (na qual geralmente é possível cursar até o 5º ano do Ensino Fundamental). Quando as igrejas realizam suas festas anuais (até pouco tempo suspensas devido à pandemia), pessoas de outras comunidades e localidades as prestigiam. O excerto<sup>17</sup> a seguir exemplifica:

---

<sup>17</sup> Os parâmetros adotados para a transcrição da fala em pomerano baseiam-se na ortografia desenvolvida por Tressmann (2006). Trata-se de uma ortografia fonológica (*phonological spelling*) que difere da que uma pessoa com uma educação ortográfica românica transcreveria intuitivamente (POSTMA, 2019). Objetivamos analisar os possíveis estrangeirismos da perspectiva da língua local, ou seja, como vocábulos emprestados de outra língua.

### Quadro 1 – Excerto 1

*Mijn keirl mag geirn in a fiest m̃aka. Wij s̃un ümer dail in a kirchafest un d̃a s̃un ümer dai bandas un hai mag geirn dansen. Den mag hai geirn, wen hai mit sijn amigos toup s̃un. Ik mag geirn t'huus blijwa. (...) Áver ik mag ouk companhia. Den m̃aka ik ouk mit. (F2, A2, Andréia)*

Meu marido gosta de ir para a festa. Nós sempre estamos numa festa de igreja e lá sempre estão as bandas e ele gosta de dançar. Ele gosta quando está com seus amigos. Eu gosto de ficar em casa.; (...) Mas eu também gosto de companhia. Então eu vou junto. (F2, A2, Andréia)

Fonte: elaborado pelos autores

Quando levamos em consideração os dados sociodemográficos analisados até o momento, percebe-se que os informantes convivem especialmente nas festas religiosas das comunidades. As entrevistadas das fases etárias mais jovens (F1 e F2) são membros da mesma comunidade religiosa situada na A2, Cerrito. O entrevistado da F3 frequenta outra comunidade localizada na A1, Arroio do Padre II. Dessa forma, há indícios de que as relações interpessoais assumem a forma de uma rede social de tessitura miúda, conforme trecho<sup>18</sup> a seguir, no qual Antônio (F3, A1) é questionado sobre Andréia (F2, A2):

### Quadro 2 – Excerto 2

a) *Jã! (...) Dai kena ik, jã. Dat is mijn amiga.*

b) *Ik main, 15 (fuwtseen) jår.*

c) *Meist um Cerrit, um fiest so. Ora öwens wen wij so gemain s̃un, in a fiest so, mit Rogério den so.*

d) *Wij daurer so begrüüssa und wijrerfortela. (F3, A1, Antônio)*

a) Sim! (...) Ela eu conheço, sim. Essa é minha amiga.

b) Eu acho, 15 anos.

c) Geralmente no Cerrito, na festa. Ou às vezes quando estamos juntos, numa festa assim, com Rogério.

d) Nós nos cumprimentamos e continuamos a conversar. (F3, A1, Antônio)

Fonte: elaborado pelos autores

Os dados acima parecem corroborar o que Milroy e Gordon (2003) afirmam sobre o papel de redes de tessitura miúda em comunidades como Arroio do Padre: laços fortes tendem a apoiar normas linguísticas locais – neste caso, o uso do pomerano. Além disso, os três informantes afirmaram terem aprendido a língua de imigração no domínio familiar com seus pais, onde também a empregam:<sup>19</sup>

<sup>18</sup> A última parte do questionário para entrevista sociolinguística é composta pelos dados sociométricos diretos, em consonância com Bortoni-Ricardo (2011), coletados por meio das seguintes questões: a) Você conhece \_\_\_\_\_ (citar nomes das pessoas já entrevistadas de ambas as áreas)? b) Há quanto tempo vocês se conhecem? c) Onde vocês se encontram geralmente? d) E quais atividades vocês fazem juntos?

<sup>19</sup> Perguntas realizadas: a) Qual língua é mais falada em casa? E na lavoura/no trabalho? Por quê? b) Qual foi a primeira língua que você aprendeu a falar? Onde e com quem? c) Qual língua é mais natural para você atualmente? O que a diferencia das outras para você?

### Quadro 3 – Excerto 3

<p>a) Pomerano. <i>Blous pomerano.</i> ENTREVISTADORA: <i>Un woriim dait blous pomerano?</i> <i>Olha, du! Deis liiir sin iimer ala blous pomerano. (...) deis sin fell dat forstaa kain brasiliãnisch. Dai iirler wat dâr sin, dai forstaa nij. Dai hääwa dificuldade, wen dai hãnmåka in dera stad. Dai mut sich einer mitnehmer, wat for eer dâr reera dait. (...) Da kast du henfuira huus for huus. Hijr ist kain brasiliãnisch fortela. (...) Hijr Colônia Cerrito, Santa Silvana blous Pomerano.</i> b) <i>Mit papa un mama. Un mit mijn avós.</i> (F2, A2, Andréia) c) <i>O pomerano, t'huus. Áwer alerweegens blous português. É mais fácil.</i> (F1, A2, Bárbara) a) <i>Wij daura so mër doirenaner, plattdütsch un hisijg.</i> (F3, A1, Antônio)</p>
<p>a) Pomerano. Somente pomerano. ENTREVISTADORA: E por que se fala somente pomerano? Então! As pessoas são todas só pomeranas (...) Há muitas que não compreendem o brasileiro. Os mais velhos não entendem. Eles têm dificuldade, quando vão para a cidade. Eles precisam levar alguém junto que possa falar por eles. (...) Tu podes ir casa por casa. Aqui não é falado brasileiro (...) Aqui Colônia Cerrito, Santa Silvana só pomerano. b) Com pai e mãe. E com meus avós. (F2, A2, Andréia) c) O pomerano, em casa. Mas por todos os outros lugares só português. É mais fácil. (F1, A2, Bárbara) a) Nós falamos assim meio misturado, pomerano e língua local/português. (F3, A1, Antônio)</p>

Fonte: elaborado pelos autores

Por outro lado, os excertos acima sinalizam o quanto o português parece fazer parte cotidianamente dos domínios linguísticos de Andréia (F2), Bárbara (F1) e Antônio (F3). Quando analisamos a variação em pomerano, percebemos que o léxico também traz indícios na mesma direção. O Gráfico 1 (a seguir) ilustra a média de palavras distribuídas por grupo lexical na fala dos três informantes. E a tabela em seguida indica os percentuais por fase etária.

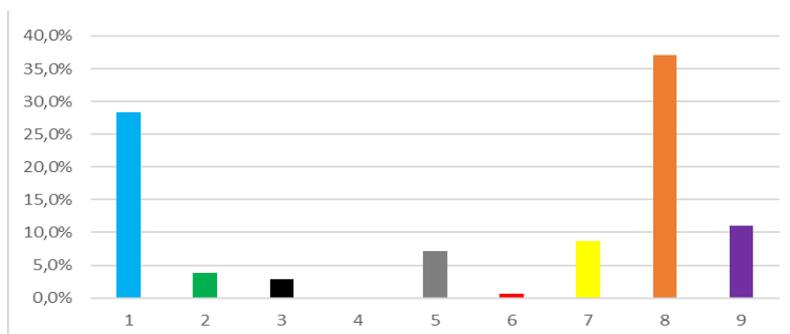
Para dar conta dos resultados encontrados, foi necessário criar dois grupos novos, distintos daqueles sete sugeridos por Pupp Spinassé (2016, 2017), apresentados ao final da seção 2 deste artigo. No total, os nomes em pomerano são aqui analisados a partir de nove grupos lexicais. O Grupo 8 abrange as ocorrências de *code-switching*. O Grupo 9, denominado “Outros”, diz respeito aos itens lexicais para os quais não foram encontrados correspondentes em alemão *standard* falado na Alemanha.<sup>20</sup>

É importante observar que a pesquisa não objetiva analisar o fenômeno de *code-switching*, e sim a variação linguística do léxico em pomerano. No entanto, os dados também apontaram a alternância de código como evento relevante para compreendermos em que medida o uso do léxico em pomerano é influenciado pelo contato com o português. Logo, os

<sup>20</sup> Para o comparativo com alemão *standard*, utilizamos *Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache Deutsch-Deutsch* (GÖTZ, 2019). Por uma questão de enfoque empírico, optamos por não abordar a comparação em andamento entre os itens lexicais do Grupo 9 e o pomerano europeu por meio do dicionário *Das Pommersche Wörterbuch* (HERMANN-WINTER, 2008; VOLLMER, 2021).

itens lexicais que correspondem à média de 37,1% para *code-switching* não são empregados pelos informantes por serem empréstimos ou estrangeirismos integrados à língua de imigração. A língua portuguesa parece ter um emprego amplamente difundido dentro da comunidade, ao mesmo tempo em que o pomerano é empregado nas conversações cotidianas.

Gráfico 1 – Média de distribuição dos grupos lexicais



Fonte: elaborado pelos autores

Tabela 1 – Distribuição dos grupos lexicais

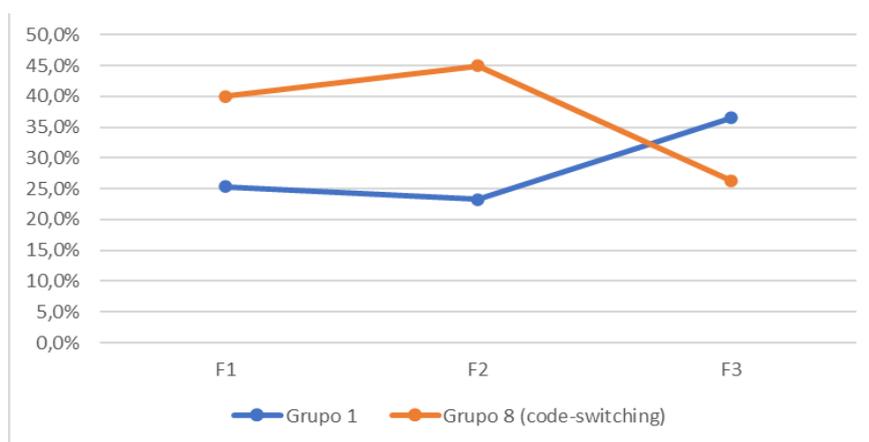
	F1	F2	F3	MÉDIA
Grupo 1	25,3%	23,3%	36,5%	28,4%
Grupo 2	2,6%	6,6%	2,6%	3,9%
Grupo 3	0%	0%	8,5%	2,8%
Grupo 4	0%	0%	0%	0%
Grupo 5	10,8%	6,6%	4,3%	7,2%
Grupo 6	0%	0%	1,7%	0,6%
Grupo 7	6,7%	10%	9,4%	8,7%
Grupo 8 ( <i>code-switching</i> )	40%	45%	26,3%	37,1%
Grupo 9 (outro)	13,4%	8,5%	11,2%	11%

Fonte: elaborado pelos autores

Em tempo aparente, o grupo lexical com maior percentual (Grupo 1) corrobora a hipótese inicial de que o pomerano possui como base lexical o alemão, assemelhando-se em vários itens lexicais produtivos ao idioma falado hoje na Alemanha. Alguns exemplos são: a) *stad* (Al: *Stadt*; PB: “cidade”); b) *kiner* (Al: *Kinder*; PB: “crianças/filhos”); c) *papa un mama* (Al: *Papa und Mama*; PB: “pai e mãe”); entre outros.

Quando isolamos o Grupo 1 e os eventos de *code-switching* e observamos sua distribuição por fase etária, temos o seguinte gráfico:

Gráfico 2 – Influência da fase etária



Fonte: elaborado pelos autores

As fases etárias mais jovens (F1 e F2<sup>21</sup>) tendem a apresentar maior influência da língua portuguesa, ao passo que a fase etária entre 50 e 70 anos possui léxico mais próximo do alemão *standard* falado na Alemanha. A Hipótese 2 foi parcialmente confirmada. A influência da língua portuguesa na fala em pomerano dos mais jovens não se deu por meio de empréstimos e estrangeirismos portugueses integrados à língua de imigração, mas, sim, por meio da alternância de código. E a forma como o léxico é usado na fase etária mais velha sugere que há um processo de mudança linguística, caracterizada pelo uso aparentemente crescente do português entre as fases etárias.

## 7 Considerações finais

Os resultados acima discutidos devem ser vistos como primeiros indicadores de como o léxico em pomerano se constitui e como a variação linguística na língua de imigração ocorre. Trata-se de uma primeira análise, com um informante por célula – neste caso um informante por fase etária. É necessário ainda sedimentar a análise de rede social, se realmente se trata de laços fortes e se há maiores indícios de bilinguismo balanceado e mudança linguística em curso.

Embora tenhamos aqui uma amostra da fala pomerana em Arroio do Padre, ela ainda assim é válida para definirmos como uma língua de imigração é empregada, especialmente

<sup>21</sup> Os dados sociodemográficos sugerem que a informante da F2 apresenta maior percentual de *code-switching*, pois ela trabalha em uma pequena loja de aviamentos no centro urbano de Pelotas. E as três pessoas com as quais ela mais interagia diariamente na época da entrevista, especialmente durante a viagem de ônibus até seu local de trabalho, não falavam pomerano e não eram da comunidade.

em gerações distantes da chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil. A fase etária mais velha (F3) tem maior percentual de itens lexicais semelhantes à variedade germânica *standard*, enquanto F1 e F2 apresentam maior percentual de *code-switching*. Tal fato sugere que os usos linguísticos locais são marcados pela crescente presença da língua portuguesa como idioma de comunicação cotidiana, inclusive em domínios pessoais, como no lar.

Nesse sentido, conforme Pupp Spinassé (2016, 2017), o pomerano dispõe de regras internas e características específicas, as quais conduziram a língua ao seu atual estágio. Por esse motivo foi necessário levar em consideração a análise do percentual de *code-switching* e criar um novo grupo lexical para além dos sete iniciais. O pomerano, assim como outras línguas de imigração germânicas (aqui destacamos o *Hunsrückisch*), também é influenciado pelo contato linguístico com o português e não pode ser dissociado do alemão *standard*. Os dados de variação aqui expostos sinalizam tais conclusões. Contudo, por suas características originais de baixo-alemão, é notório que o pomerano ainda traz traços que o ligam a outras variedades germânicas, como o holandês e o inglês, o que também ainda cabe ser mais profundamente estudado. Assim, como próximos passos, prosseguiremos e ampliaremos a análise do *corpus* e dos dados sociodemográficos, assim como continuaremos com a correlação laboviana entre uso da língua e fatores sociais, dentre eles a fase etária, a fim de caracterizar ainda mais o pomerano falado em Arroio do Padre.

## REFERÊNCIAS

- BERN, D. B. Conceptualizations of geographic space in linguistics. *In*: LAMELI, A.; KEHREIN, R.; RABANUS, S. *Language and Space: language mapping: an international handbook of linguistic variation*. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co.KG, 2010. p.69-97.
- BORGES, P. R. S. Análise histórico-social-linguística de quatro famílias da comunidade pomerana da região de Pelotas/RS. *Caderno de Letras (UFPel)*, Pelotas, v. 1, n.10, p. 191-211, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BOTT, E. *Família e Rede Social*. Tradução: Mário Guerreiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1976.
- CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CERQUEIRA, F. V. Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 4, Pelotas, 2010. *Anais* [...]. Pelotas: UFPel, 2010. p. 872-962. Disponível em: <http://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/mesa-serra-dos-tapes.pdf> . Acesso em: 10 ago. 2019.

COARACY, V. *A colônia de São Lourenço do Sul e seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Oficinas Gráficas Saraiva, 1957.

DESCHAMPS, J. C.; MOLINER, P. *A identidade em Psicologia Social: dos processos identitários às representações sociais*. Tradução: Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GÖTZ, D. *Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache Deutsch-Deutsch*. Berlin: Langenscheidt, 2019.

GROSJEAN, F. *Life with two languages. An introduction to Bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GUMPERZ, J. J.; BLOM, J. P. O significado social na estrutura linguística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013 [1972]. p. 45-84.

HACKENHAAR, D. *Vida e trajetória do povo pomerano: a imigração pomerana para o Brasil*. 2018. 70f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Florianópolis, 2018.

HERMMAN-WINTER, R. *Das Pommersche Wörterbuch*. Berlin: Band 1, A-K, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Arroio do Padre. [S.l.]: [2022]. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/341JA>. Acesso em: 29 jan. 2022.

JACOB, J. K. A Pomerânia poderia ter se tornado uma grande nação. *Folha Pomerana Express*, Venâncio Aires, n. 423, 01 jan. 2022. Disponível em: <https://www.brasilalemanha.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Nr.-423-Folha-Pomerana-de-01-01-22.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2022.

JOHNSTONE, B. Place, globalization and linguistic variation. In: FOUGHT, C. (Org.). *Sociolinguistic variation: critical reflections*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 65-83.

LISTA de línguas cooficiais em municípios brasileiros. *Instituto de Investigação e Desenvolvimento de Políticas Linguísticas (IPOL)*. Florianópolis: ago. 2021. Disponível em: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros>. Acesso em: 29 abr. 2022.

MACKEDANZ, D. *O papel da identidade para a manutenção do Pomerano na Serra dos Tapes, RS*. 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2016.

MALTZAHN, G. M. Memórias Míticas: uma proposta de análise sobre as narrativas orais dos descendentes pomeranos da Serra dos Tapes/RS. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 4, Pelotas, 2010. *Anais [...]*. Pelotas: UFPel, 2010, p. 905-915. Disponível em: <http://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/ mesa-serra-dos-tapes.pdf> . Acesso em: 10 ago. 2019.

MALTZAHN, P. C. *A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (Década de 1980 até os dias atuais)*. 2011. 335 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011.

MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

MOZZILLO, I. A conversação bilíngue dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (Org.) *Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira*. Pelotas: Educat, 2001. p. 287-324.

MUJICA, M. M. *Atitude, orientação e identidade linguística dos pomeranos residentes na comunidade de Santa Augusta- São Lourenço do Sul-RS- Brasil*. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2013.

PAVIMENTAÇÃO da ERS 737 em Arroio do Padre é inaugurada nesta sexta. Porto Alegre, 03 nov. 2016. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/pavimentacao-da-ers-737-em-arroio-do-padre-e-inaugurada-nesta-sexta> Acesso em: 14 jun. 2022.

PESQUISADOR cobra inclusão dos pomeranos no Censo IBGE 2022. *Vila Notícias.com*, Vila Pavão: 02 jan. 2022. Disponível em: <https://vilanoticias.com/pesquisador-cobra-inclusao-dos-pomeranos-no-censo-do-ibge-2022>. Acesso em: 29 abr. 2022.

POSTMA, G. *A Contrastive Grammar of Brazilian Pomeranian*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2019.

PUPP SPINASSÉ, K. Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung. In: LENZ, A. N. *German Abroad. Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Wien: Vienna University Press, 2016. p. 81-102.

PUPP SPINASSÉ, K. A contribuição do português para a constituição lexical do Hunsrückisch em situação de contato linguístico. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 13, 2017, p. 94-109. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2017.v13n3a16385>. Acesso em: 11 jun. 2022.

PUPP SPINASSÉ, K.; SAVEDRA, M. Estudos de contato no GT de Sociolinguística. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 52, n. esp., p. 103-117, 2021.

RADÜNZ, W. *Variação e mudança lexical da língua brasileira de imigração alemã Hunsrückisch em contato com o português e o espanhol: análise pluridimensional da variável <fósforo/Streichholz>*. 2016. 58 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas, Porto Alegre, 2016.

ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

RÖLKE, H. R. *Descobrimos Raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1996.

SALAMONI, G.; ACEVEDO, H. C.; ESTRELA, L. C. (Org.). *Os Pomeranos: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 1995.

TRESSMANN, I. As categorias lexicais dos nomes e dos adjetivos em Pomerano. In: MELO, S. M.; SOUZA, M. T. (Org.). *Pomeranos no Brasil: olhares, vozes e histórias de um povo*. Rio de Janeiro: Letras e Versos Edição, 2015. p. 13-33.

TRESSMANN, I. *Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português*. Vitória: Gráfica e Encadernadora Sodré, 2006.

VAHL, M. S. *Motivações para a alternância de código português-pomerano entre alunos do Ensino Médio do Arroio do Padre – RS*. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2017.

VOLLMER, M. Das Pommersche Wörterbuch. In: LENZ, A. N.; STÖCKLE, P. (Org.). *Germanistische Dialektlexikographie zu Beginn des 21. Jahrhunderts*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2021. p. 303-317. (Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik. Beiheft 181).

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WILLE, L. *Pomeranos no sul do Rio Grande do Sul: trajetória-mitos-cultura*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

WILLEMS, E. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

UNESCO; PEN. *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*. Barcelona: UNESCO, 1996. Disponível em: <http://www.penclubportugues.org/comites/declaracao-universal-dos-direitos-linguisticos>. Acesso em: 11 jun. 2022.

YEDA inaugura escola estadual em Arroio do Padre. Porto Alegre: 20 abr. 2007. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/yeda-inaugura-escola-estadual-em-arroio-do-padre>. Acesso em: 29 jan. 2022.

ZIEGLER, A. *Deutsche Sprache in Brasilien*. Untersuchungen zum Sprachwandel und zum Sprachgebrauch der deutschstämmigen Brasilianer in Rio Grande do Sul. Essen: Ed. Die Blaue Eule, 1996.

Artigo submetido em: 28 fev. 2022

Aceito para publicação em: 24 maio 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.122815>